



por Gabriela Forti Maschietto

Os olhos aflitos agonizavam com os arrastares de telas, os anúncios aos ouvidos cansados contando absurdos quais naturalização deflo-
rava a primavera há pouco instaurada -particularmente nunca se
apegou a eufemismos, mas não renderia dizer que a instauração foi
estuprada não pacífica. Não mais vende.

Quisera os olhares pairassem pelo rubro entardecer dos dias que
corriam a se esconder, pois o medo caminhava sempre em direção
certeira. Era para cá. E a noite chegava para olhos aflitos e outrora
outros olhos raivosos vilipendiavam o direito da noite de brilhar em
estrelas mil. Um silêncio profundo.

Em um súbito e repentino piscar, algo que havia sendo construído
como projeto há tempos, do céu caíram togas diversas diretamente
no bolso do caos do mundo. Foi grande acontecimento na Terra,
alardes, falsos comunicados de desesperança - uma grande voz
ecoou por todo o mundo; de nada adiantava. Então os olhos já não
sentiam agonia... não sentiam mais nada.

Uma bala no escuro e muitas listas a serem exterminadas precisas já
impressas e distribuídas a carrascos - muito fogo é preciso para
combater o próprio fogo. E a constante indagação ideológica da
morte pela morte de se tornar aquilo que se combate - o paradoxo
serve até que araras e seus paus ninem outros pelos e pernas
enquanto ratos vasculham tubulares escuras para só depois serem
cortados pata a pata. Outros.

A era do fogo instaurada até mesmo para a arte. O que custa dizer
dos artefatos nunca vistos se nunca se os verá? A cegueira da alma
que busca evitar o desfazimento do todo a cada ameaça de desinte-
gração compulsória individoceletiva.

Não há dó que ria do branco e do cinza dos muros e nem por
compaixão se esgota o ser e o existir da transgressão. Mas as togas
abertas jorrando sangue, contaminadas, são alavancadas pela mal
costura do bolso que as envolve e os furos escancaram sem mostrar.
Não se quer ver. Não se quer pensar.

Então depois tiraram as togas de onde estavam para desmistificar a
concretização do projeto maior. E elas escancaravam-se afoitas cheias
de orgulho bradando bondade enquanto pisavam em poças de
sangue que escorriam de suas próprias mãos.

Assim foi sendo gerado, pouco a pouco, um manancial sagrado do
sangue todo arrecadado, como o faminto que encontra para si
banquete. Os olhos aflitos só pensavam que o sangue era vermelho
para todos. Como seria possível? Quando o manancial tomava
proporções maiores, criou-se um banco de doação de sangue e as
pessoas se enfileiravam alegremente e, uma a uma, iam destilando
gotas autorais como sinal de devota contribuição. O manancial tem
de fluir.

Rezou-se um culto em menção honrosa.

